



O Projeto Nambiquara

P. David Price

O Projeto Nambiquara é um dos projetos especiais patrocinados pela nova administração da FUNAI para testar a eficácia de antropólogos profissionais como coordenadores da atuação indigenista. Efetivamente implantado em abril, a sua presença já começou a sentir-se na região. Apresentamos a seguir os princípios que guiam a atuação do Projeto, um esboço ligeiro da sociedade nambiquara, e as medidas que o Projeto está tomando.

Esclareçamos no começo que o Projeto não se ve como agente da mudança social. O Projeto trata com uma sociedade já sofrendo a agonia de aculturação. Nem pretendemos estimular a aculturação, nem atrasá-la. Acreditamos que não devemos, nem podemos, praticar "engenharia social" nos Nambiquara. Só os próprios índios podem, por um processo de experimentação, decidir o que aceitar e o que rejeitar da sociedade nacional.

Nossa missão é a de proteger uma sociedade indefesa contra outra, poderosa. Acreditamos que os poucos índios no Brasil realmente não prejudicam o desenvolvimento do País, ainda que, as vezes, se choquem com interesses particulares. Acreditamos no poli-etnismo, isto é, que um país pode conter muitas minorias étnicas, quando houver respeito e confiança mútua entre elas. E acreditamos que muitos problemas que os Nambiquara vem sofrendo podem ser evitados se os seus interesses foram bem representados aos órgãos nacionais. Os erros mais lastimáveis da história do indigenismo tem sido cometidos por pessoas bem intencionadas mas mal-informadas. Esperamos que nosso conhecimento dos Nambiquara e de sua vida, adquirido por pesquisas antropológicas, nos capacite a representar os seus interesses enquanto eles mesmos não aprendam a representá-los.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

2

Somos uma espécie de diplomatas que representam a sociedade Brasileira aos Nambiquara, e a sociedade Nambiquara aos Brasileiros. Também, tentamos reparar os danos causados aos Nambiquara pela expansão nacional, e tentamos negociar tratados que são vantajosas para as duas sociedades.

Lulucatu Os Nambiquara moram no noroeste de Mato Grosso, entre a cidade de Vila Bela de Mato Grosso, e Vilhena, Rondônia. Habitam uma zona de transição entre o campo ondulante da Chapada dos Parecis e a mata amazônica do Vale do Guaporé. Preferem estabelecer as aldeias no campo, mas fazem roças e caçam na mata. Vivem de milho ou mandioca, produto das roças, e de carne, produto da caça. As mulheres fornecem e preparam as matérias vegetais, e os homens, as matérias animais.

Vivem em aldeias pequenas, muito espalhadas. Os membros da aldeia são unidos pela obrigação de partilhar comida. Cada família extensa tem as suas roças, e geralmente tem um interesse nas roças do cacique. Trabalham nas roças durante as chuvas, e andam no campo, visitando outras aldeias, nas secas. As aldeias são separadas por tensões faccionais, e ligadas por casamentos.

Reconhecem, sem rotular, duas categorias de parentes em gerações contíguas, que denominaremos "consangüíneos" e "afins." Cada homem deve casar com uma afim da sua própria geração. Por serem as aldeias pequenas, geralmente é necessário casar com mulher de outra aldeia. Para preservar o equilíbrio na força de trabalho, preferem fazer dois casamentos recíprocos e simultâneos. Residência após o casamento é de livre escolha, mas geralmente é uxorilocal, uma vez que há falta de mulheres devido à mortalidade pós-parto, que dá ao pai da noiva mais poder de barganhar.

De acordo com as coincidências de nascimento e a astúcia com que casa os filhos, cada homem tem a possibilidade de tornar-se líder de uma facção. Facções desenvolvem-se em aldeias estabelecidas, mas logo que se sentem bastante fortes fundam suas próprias aldeias. Os líderes de facções não mandam por direito, mas por habilidade. Quando há mais de uma facção na aldeia, o cacique (categoria aparentemente imposto pelos Brasileiros) é o líder da facção mais forte.

Acreditam que a alma é a imagem do outro no olho. Quando uma pessoa morre, esta imagem some. Os restos mortais são enterrados no terreiro da aldeia, e a alma vai morar com os espíritos eternos nos morros altos. Frequentemente, os vivos agradam aos mortos com música e lhes oferecem comida e bebida; os mortos, reciprocamente, visam a saúde e bem-estar dos vivos. Os espíritos eternos ajudam os pajés a curar os doentes.

Os Nambiquara falam três línguas e vários dialetos pertencentes a uma família alófila. Antes da vinda dos Portugueses, houve uma leve aculturação ao modelo das tribos "Tupoides," especialmente entre os grupos mais pertos de Rondônia. Entretanto, os Nambiquara parecem orgulhar-se da simplicidade da sua cultura, e riem dos rituais elaborados de outras tribos, e do equipamento complicado que o "civilizado" precisa para sobreviver no mato. Durante mais de 200 anos de contato com a sociedade ocidental, a única coisa que tinhamos a oferecer que o Nambiquara achou imediatamente valiosa foram ferramentas de aço. Das tribos "Tupoides" nem aceitou a rede, achando a areia branca da região perfeitamente adequada para um bom sono.

Depois de 150 anos de esconde-esconde, os Nambiquara começaram a sentir o verdadeiro peso da sociedade nacional no começo deste século, quando Gen. Rondon atravessou o seu território com uma linha telegráfica. Os grupos perto da linha obtiveram implementos de aço, desenvolveram um jargão especial para se comunicar com os telegrafistas e guardas-fio, e morreram rapidamente de novas doenças. A construção do BR-364, há 15 anos, abriu o resto da região à expansão nacional. Estimulados por incentivos fiscais federais, fazendas estão se estabelecendo em todas as terras boas com uma velocidade assustadora. Alguns grupos são relativamente aculturados, falando português e mantendo um forte intercâmbio comercial com a sociedade nacional. Outros grupos tem menos de dez anos de contato, um contato tão brusco que nem sabem ainda o que aconteceu. Tentam continuar as suas vidas tradicionais, enquanto vão sendo dizimados por novas doenças.

Durante quase dois séculos, tentativas de estabelecer postos indígenas entre os Nambiquara sempre fracassaram. O Nambiquara não aceita sacrificar a liberdade política que necessita para continuar o jogo de casamentos e facções, para subordinar-se a um Chefe de Posto. Assim, qualquer programa de assistência deve levar em conta uma multiplicidade de aldeias pequenas. Se o Nambiquara não vir à FUNAI, a FUNAI terá de ir ao Nambiquara.

O Projeto divide a região tradicional dos Nambiquara em três distritos. Cada distrito contém várias aldeias, ligadas entre si por laços sociais, e separadas das aldeias dos outros distritos pela ausência de tais laços. Cada distrito tem um "cônsul" representando a sociedade nacional, formado no último Curso de Indigenismo da FUNAI, e pago como "Chefe de Posto". O Distrito do Norte conta com Marcelo dos Santos, paulista de 23 anos; o Distrito do Campo com Ariovaldo José dos Santos, goiano de 24 anos; e o Distrito do Vale do Guaporé com Sílbene de Almeida, mineiro de Mutum, de 29 anos. Os três Jeeps do Projeto permitem que prestem assistência igual a todas as aldeias.

Tentamos reparar os danos causados por nossa sociedade. Os danos maiores são a invasão das terras tradicionais e a transmissão de doenças mortais. Assim, os membros do Projeto ajudam a proteger as terras que são suas por posse imemorial e perante a lei, e tentam combater as novas doenças com que nossa sociedade os presenteou. Esperamos receber a ajuda, dentro de pouco tempo, de um Atendente de Enfermagem para acompanhar cada "Chefe de posto". Entretanto, o meio mais eficaz não é a cura, senão a prevenção, e por isso o Projeto promove vacinações e explica a natureza das doenças contagiosas para que os Nambiquara aprendam a evitar a contaminação. As doenças que padeciam antes do contato com a sociedade nacional, continuam a serem tratadas pela sabedoria antiga dos pajés.

Tentamos negociar tratados entre as duas sociedades, visando vantagens mútuas. Atualmente, as negociações mais importantes têm a ver com limites territoriais e comércio.

Reconhecendo que a população nambiquara decresceu em 90% nos últimos 70 anos, estamos tentando conseguir o reconhecimento de um pedaço de terras menor do que a área tradicional, que seja aceitável pelas duas sociedades. Também, estamos tentando revisar o tratado comercial, que regula a intercâmbio de bens econômicos entre as duas sociedades, que atualmente favorece a sociedade nacional mais do que os Nambiquara.

Finalmente, empreendemos projetos de desenvolvimento solicitados pelos próprios Nambiquara, quando considerados viáveis segundo os critérios da nossa sociedade. Os Nambiquara do Campo pediram uma escola para alfabetização na sua língua, que já está em funcionamento. Os Nambiquara do Norte pediram uma escola para alfabetização em português, que esperamos abrir no ano que vem. Os Nambiquara da aldeia de Camararé expressaram interesse na pecuária e já fizeram uma grande invernada; vamos-lhes fornecer gado e instrução nas técnicas da pecuária logo que for possível.

A longo prazo, nossa intenção é a de garantir aos Nambiquara terras adequadas às suas necessidades, mas não tão grandes que estimulem a inveja entre os vizinhos, e de instruí-los na natureza da sociedade nacional até que consigam defender seus próprios interesses.